

Contribuições da Geolinguística nordestina ao estudo de um fato em variação: a ditongação diante de /S/

Amanda dos Reis SILVA¹

Resumo: Aborda-se, neste artigo, a ditongação diante de /S/ em áreas do Nordeste brasileiro. As considerações são feitas a partir do que registram os empreendimentos da Geolinguística nordestina, até então publicados, contemplando quatro de seus nove Estados: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI *et al*, 1963), *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO; MENESES, 1984), *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA *et al*, 1987), *Atlas Linguístico de Sergipe II* (CARDOSO, 2005) e *Atlas Linguístico do Ceará* (BESSA, 2010). A descrição aqui proposta destaca, além da distribuição diatópica do fato, alguns aspectos linguísticos, como: a qualidade da vogal ditongada, a tonicidade da sílaba e a sua posição no vocábulo. Os dados foram coletados a partir do que se registram nas cartas linguísticas, tendo sido organizados em tabelas e sintetizados em cartogramas. Objetivou-se colaborar com a caracterização do fenômeno, visto por alguns como particularidade do Português Brasileiro, à luz de dados metodicamente recolhidos. Percebeu-se, por fim, que as poucas informações registradas, em referência à ditongação diante de /S/, revelam divergências entre os falantes das áreas estudadas, não sendo possível estabelecer, precisamente, comparações, em razão das especificidades de cada atlas.

Palavras-chave: ditongação; geolinguística; atlas linguístico.

Abstract: In this article, we analyze the diphthongization in closed syllables ending with /S/ in areas of Northeastern Brazil. The remarks are made from what has been recorded and published so far by Northeastern Geolinguistic regarding four out of its nine states: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI *et al*, 1963), *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO; MENESES, 1984), *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA *et al*, 1987), *Atlas Linguístico de Sergipe II* (CARDOSO, 2005) and *Atlas Linguístico do Ceará* (BESSA, 2010). The description proposed here highlights, besides the diatopical distribution of the fact, some linguistics aspects such as the quality of the diphthongized vowel, the tonicity of the syllable and its position in the word. The data was collected from what it is recorded on linguistic cartograms and it was organized in tables and maps. The aim was collaborating with the characterization of the phenomenon, seen, by some, as a peculiarity of Brazilian Portuguese in the light of collected data methodically. Finally, it was perceived that the little recorded information in relation to diphthongization in closed syllables ending with /S/ reveals divergences among the speakers in the analyzed areas, being impossible to establish comparisons precisely due to the specificities of each atlas.

Keywords: diphthongization; geolinguistics; linguistic atlas.

Introdução

O estudo que ora se apresenta é voltado à observação da ditongação variável em sílabas travadas por /S/, perceptível em ocorrências como `pa(i)z', `nó(i)s', `a(i)s nuve(i)ns' etc., em áreas dos Estados da Bahia, de Sergipe, da Paraíba e do Ceará. O exame aqui proposto será feito a partir do que registram os empreendimentos da geolinguística nordestina, publicados até

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC /UFBA), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Salvador-BA. Correio eletrônico: amandaresi@gmail.com.

o presente momento:

- (1) *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) (ROSSI *et al*, 1963), contemplando 50 localidades do interior da Bahia;
- (2) *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS) (FERREIRA *et al*, 1987) e *Atlas Linguístico de Sergipe II* (ALS II) (CARDOSO, 2005), considerando 15 cidades, do Estado de Sergipe;
- (3) *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB) (ARAGÃO; MENEZES, 1984), cujos dados se referem a 25 cidades paraibanas;
- (4) *Atlas Linguístico do Ceará* (ALECE) (BESSA, 2010), relativo a 70 municípios cearenses.

Antes de se estabelecer a investigação, é preciso trazer à cena alguns esclarecimentos, apresentando, inicialmente, informações sobre o fenômeno em análise.

Aborda-se a ditongação, processo recorrente na história das línguas românicas, de acordo com aquilo que se lê em Silva:

[...] fenômeno fonológico de inserção de um *glide* após uma vogal ou transformação de um monotongo em um ditongo. [...] A ditongação, em português brasileiro, ocorre em variação com *monotongos*. (Silva, 2011, p.93 [grifos da autora]).

Evidencia-se, nesse momento, a formação de ditongos que coexiste, no Português Brasileiro (PB), em variação com vogais simples, a partir da transmutação de sequências do tipo “vogal simples + consoante sibilante” (*‘luz’* [ˈlus]) em sílabas do tipo “vogal + glide palatal + consoante sibilante” (*‘luiz’* [ˈlujs]).

Embora muitos autores restrinjam a sua existência a monossílabos tônicos ou vocábulos oxítonos (cf. CÂMARA JR, 2009), considera-se que as investigações propostas devem levar em conta diferentes contextos silábicos, uma vez que o fenômeno é responsável, por exemplo, por provocar, dialetalmente, a homofonia entre a conjunção adversativa *‘mas’* (monossílabo, originalmente, átono) e o intensificador *‘mais’* (monossílabo tônico), demonstrando, assim, a possibilidade de ocorrência do mesmo em sílabas, fonologicamente, não acentuadas.

Tratando-se da documentação diacrônica, no PB, as poucas evidências datam da primeira metade do século XIX, a partir de ocorrência explícita em texto escrito por mão inábil (cf. OLIVEIRA, 2008) ou através da interpretação de rimas de poetas românticos e parnasianos (cf. CÂMARA JR., 2008).

Essas informações, concomitantemente às observações feitas por autores como Marroquim (1945), Elia (1963), Silva Neto (1979), dentre outros, somados aos resultados apresentados por recentes estudos variacionistas, permitiram, apenas, a abordagem sucinta do fato, não se compreendendo a real dimensão da ditongação diante de /S/, no âmbito do PB. Ressalte-se que não são conhecidos, de modo preciso e sistemático, os seus possíveis condicionamentos de ordem estrutural e/ou extralinguística.

Julga-se que esses entendimentos sejam relevantes e necessários, uma vez que se considera o fenômeno particularidade dessa variedade da língua portuguesa, consoante registra Leite de Vasconcelos, já em 1901, ao tratar das especificidades do “dialecto brasileiro”².

As ideias e discussões apresentadas estarão abalizadas pelos pressupostos da Dialectologia, disciplina emergida do pensamento historicista do século XIX, definida, em poucas palavras, como aquela que busca, primordialmente, a identificação e descrição dos usos linguísticos diferenciados, em função da sua distribuição espacial, abarcando também características de ordem sociocultural.

Consideram-se as proposições do seu principal método, a Geografia Linguística (ou Geolinguística), o qual, conforme aponta Coseriu (1965), pressupõe o registro cartográfico da diversidade linguística, atestada em determinadas áreas, contemplando diferentes níveis de análise da língua, através de registros empíricos sistematicamente recolhidos. Adota, como principal tarefa, a elaboração dos atlas linguísticos, os quais, embora careçam de aprofundamento, ganham importância, justamente, por atuarem como verdadeiras fotografias linguísticas das áreas estudadas, como se depreende da leitura de Rossi (1967).

² Afirma o autor acerca do fato: “[...] on ajoute un i à la syllabe finale de certains mots terminés par -ê: fei = *fê = fez, trei = *trê = três, francei = *France = francês [...]” (Grifos do autor) (LEITE DE VASCONCELOS, 1970).

Inserem-se, nesse contexto, os registros constantes do APFB, do ALS, do ALS II e do ALECE, referentes à ditongação diante de /S: embora recolhidos *in loco*, em uma sincronia específica, com base em métodos e técnicas precisos, permanecem, até aqui, sem a descrição e a análise necessárias para a compreensão da distribuição do fato nas áreas consideradas.

Objetiva-se, ainda que minimamente, colaborar com a caracterização do fenômeno, trazendo à luz as fotografias registradas pelos atlas, mas ainda não analisadas.

A Dialetoлогия no Brasil e a Geolinguística no Nordeste: situando os corpora

No Brasil, consoante aponta Cardoso (1999), as primeiras contribuições dialetológicas ordenadas – evidenciando-se aspectos fônicos e lexicais do PB – são encontradas nos escritos do Visconde de Pedra Branca, no *Atlas Ethnographique du Globe* (1826), de Adrien Balbi.

Essas visões iniciais foram responsáveis por impulsionar produções posteriores, suscitando-se, a partir de seus diferentes aspectos, algumas propostas de periodização da Dialetoлогия no Brasil. Destaca-se, aqui, a proposta de Ferreira e Cardoso³ (1994), que evidencia a existência de três momentos para os estudos dialetais brasileiros:

- (1) primeira fase (1826-1920), que foi marcada por estudos voltados à observação do léxico nacional;
- (2) segunda fase (1920-1952), na qual se observa uma tendência à descrição dos falares regionais, através de trabalhos ainda assistemáticos, no que diz respeito às metodologias empregadas e à coleta de dados;
- (3) terceira fase (1952-)⁴, na qual se vem notando o início das trilhas da Geolinguística no Brasil, com a publicação do

3 Reconhece-se a existência de proposições anteriores e posteriores. No entanto, julga-se que a referida proposta satisfaça os intentos desse estudo.

4 Mota e Cardoso (2006) aderem à proposta uma quarta fase, iniciada a partir do desenvolvimento, em 1996, do Projeto Atlas Linguístico do Brasil e da incorporação de novos princípios teóricos e metodológicos à Dialetoлогия no Brasil.

decreto 30.643, de 1952, que previa a criação da Casa de Rui Barbosa, instituindo como principal tarefa de sua Comissão de Filologia a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

Mediante a situação socioeconômica do Brasil, daquele momento, nomes como Celso Cunha, Serafim da Silva Neto, e Antenor Nascentes, opinaram em prol da feitura de atlas regionais do Brasil, os quais, em conjunto, deveriam possibilitar uma visão da realidade linguística do território. Atestavam, ainda, que a elaboração desses trabalhos de menor abrangência auxiliaria no amadurecimento dos pesquisadores brasileiros no campo da Dialetologia.

A Geolinguística no Brasil se inicia sob esse prisma, e, hoje, o país conta com dez atlas regionais publicados⁵, teses e dissertações, além de projetos de atlas, em andamento, que recobrem parte do país.

Salientam-se, nesse âmbito, as produções da Geolinguística no Nordeste brasileiro, ressaltando a sua vivacidade, uma vez que é a região do Brasil que mais conta com trabalhos de tal natureza. Apresentam-se, a seguir, o APFB, primeiro atlas produzido e publicado no Brasil; o ALPB; os atlas de Sergipe, ALS e ALS II; e o ALECE, informando sobre as suas particularidades e metodologias.

O APFB, baseado na proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953)⁶, visava, inicialmente, a evidenciar as particularidades linguísticas do chamado falar baiano, o qual compreenderia os Estados da Bahia e Sergipe, o norte, noroeste e nordeste de Minas Gerais, e o noroeste de Goiás. O atlas, entretanto, presta-se a investigar somente áreas do interior da Bahia.

São apresentadas, no APFB, 198 cartas linguísticas, sendo 44 delas resumos das anteriores. Algumas delas apresentam ilustrações e informações de cunho etnográfico, além de notas relativas à transcrição da fala dos informantes e a procedimentos metodológicos adotados

5 Além dos cinco atlas aqui contemplados, são eles: Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (RIBEIRO et al, 1977), Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1990), Atlas Linguístico -Etnográfico da Região Sul (KOCH et al, 2002, 2011), Atlas Linguístico Sonoro do Pará (RAZKY, 2004) e Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2007).

6 A proposta (originalmente elaborada em 1922 e revista em 1933) sugere, com base na pronúncia das vogais médias pretônicas e em aspectos prosódicos, a repartição do território brasileiro em dois grandes grupos de falares, do Norte e do Sul, com seus dois e quatro sub-falares, respectivamente. O subfalar baiano, situado, originalmente, dentre os falares do Sul, é considerado, pelo autor, como intermediário entre os dois grupos.

na feitura dos inquéritos. Embora dediquem-se, primordialmente, à investigação lexical, os dados são apresentados, na maior parte, em transcrição fonética, tornando possíveis as observações pretendidas neste estudo.

Priorizou-se, nesse atlas, a informação de natureza diatópica, embora tenha se buscado ouvir, em cada localidade, um homem e uma mulher, o que nem sempre foi possível devido às condições da época, gerando uma distribuição desigual dos informantes (57 mulheres e 43 homens) (cf. MOTA, 2005). Alguns dados de caráter metodológico são apresentados, em síntese, no quadro abaixo:

Quadro 1: Aspectos metodológicos do APFB (ROSSI; ISENSEE; FERREIRA, 1963)

REDE DE PONTOS	QUESTIONÁRIOS/ APLICAÇÃO	INFORMANTES
<ul style="list-style-type: none"> 50 localidades do interior do Estado da Bahia, distribuídas pelas 16 zonas fisiográficas que compunham a área. 	<ul style="list-style-type: none"> Extrato de Questionário, composto de 182 perguntas, voltadas, em sua maioria, ao âmbito lexical; Questionário aplicado in loco, com transcrição direta das respostas. 	<ul style="list-style-type: none"> 100 informantes, distribuídos de modo desigual entre as localidades; Nativos, com pouca mobilidade, analfabetos ou pouco escolarizados; Sem controle e/ou estratificação sistemáticos de fatores sociais.

O Estado da Paraíba é a área compreendida pelo terceiro atlas publicado no Brasil, o ALPB. Pensado em três volumes, conta com dois já publicados. O primeiro deles é introdutório, abarcando, além da caracterização das localidades e dos informantes, dados acerca das variantes registradas no atlas. Por sua vez, o segundo, apresenta um conjunto de 149 cartas, intercalando-se as semântico-lexicais e as fonéticas.

Expõem-se, a seguir, os procedimentos adotados para a feitura do ALPB.

Quadro 2: Aspectos metodológicos do ALPB (ARAGÃO; MENEZES, 1984)

REDE DE PONTOS	QUESTIONÁRIOS/ APLICAÇÃO	INFORMANTES
<ul style="list-style-type: none"> 100 localidades, sendo 25 bases (para as quais os dados constam no atlas) e 3 cidades satélites, para cada uma delas (atuando como uma zona de controle). 	<ul style="list-style-type: none"> Questionário semântico-lexical, dividido em duas partes: geral (289 questões) e cultura local (588 questões). 	<ul style="list-style-type: none"> Foram entrevistados entre 3 e 10 informantes por ponto de inquérito; Nativos das localidades, analfabetos ou semialfabetizados; Idade entre 30 e 75 anos, sem estratificação em faixas.

Motivados pela continuidade de estudo da área do falar baiano, os primeiros movimentos rumo à investigação dos falares do Estado de Sergipe começam a serem efetivados, em 1963, com a publicação do APFB e a elaboração de inquéritos preliminares, sob a coordenação da equipe de dialetólogos da Bahia. Já nos anos de 1967 e 1968, os inquéritos definitivos haviam sido concluídos.

Dessa forma, o ALS é o segundo atlas regional a ser levado a cabo no Brasil. Contudo, é sabido que a sua publicação, feita em um volume único, datada de 1987, foi tardia em função da ausência de financiamento.

Em sua cartografia, estão registrados dados de cunho fonético-fonológico e semântico-lexical, priorizando aquilo que é comum ao APFB. Considerando-se o fato de possuir um instrumento de coleta de dados mais amplo do que o seu antecessor, nem todos os dados obtidos estão cartografados no ALS, tendo sido esses aproveitados em estudos posteriores e na elaboração do ALS II, originalmente tese de doutorado de Suzana Alice Cardoso, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2002.

Publicado em 2005, o ALS II é composto por dois volumes, sendo o primeiro introdutório, registrando dados sobre informantes, localidades, e, ainda, estudos referentes às particularidades dos falares sergipanos, e o segundo composto de 108 cartas lexicais, referentes à área semântica 'HOMEM'.

Encontram-se, dispostas, sumariamente, no quadro abaixo, as

demais características metodológicas dos dois atlas.

Quadro 3: Aspectos metodológicos do ALS (FERREIRA *et al*, 1987) e do ALS II (CARDOSO, 2005)

REDE DE PONTOS	QUESTIONÁRIOS/ APLICAÇÃO	INFORMANTES
<ul style="list-style-type: none"> 15 cidades do interior sergipano (numeradas de 51 a 65, de modo a ressaltar a continuidade da rede do APFB). 	<ul style="list-style-type: none"> 687 perguntas, previamente formuladas (incluindo as utilizadas no APFB); Aplicação <i>in loco</i>, com gravação em meio magnético. 	<ul style="list-style-type: none"> Nativos das localidades, analfabetos ou semialfabetizados; Sem controle sistemático da idade; Estratificados com relação ao gênero (identificados nas cartas de ambos os atlas).

A mais recente publicação no âmbito da Geolinguística nordestina e brasileira, o ALECE, responde a uma iniciativa datada de 1978, contando, hoje, com dois volumes publicados.

O volume I apresenta dados históricos acerca do Estado do Ceará e da orientação teórico-metodológica do atlas. No volume de cartas, constam 256 cartogramas, que registram dados fonéticos e lexicais.

Ao invés de apresentar uma carta única para o tratamento de um determinado fato, são expostos, no ALECE, conjuntos de cartas, chegando-se ao máximo de 12 representações cartográficas por item investigado, optando-se por expor: pares de cartas lexicais e fonéticas; pares de cartas para cada conjunto de informantes (em razão da escolaridade); e cartas para o registro de ocorrências únicas.

Encontram-se, dispostas a seguir, suas propriedades técnicas.

Quadro 4: Aspectos metodológicos do ALECE (BESSA, 2010)

REDE DE PONTOS	QUESTIONÁRIOS/ APLICAÇÃO	INFORMANTES
<ul style="list-style-type: none"> 70 municípios cearenses, distribuídos pelas microrregiões homogêneas do Estado. 	<ul style="list-style-type: none"> Constituído de 306 questões, as quais compreendem 583 itens. 	<ul style="list-style-type: none"> 280 informantes, dos gêneros masculino e feminino, com idade entre 30 e 60 anos, sendo, equitativamente, analfabetos ou com o primeiro grau completo.

Procedimentos adotados

Intentando-se observar a variação no uso de ditongos em sílabas fechadas por /S/, a partir de *corpora* distintos, foi necessário adequar os mecanismos adotados às feições dos mesmos.

Foram contempladas todas as cartas originais dos cinco atlas, que apresentassem registros de sílabas fechadas por /S/, sendo essas, especificamente, voltadas ou não à observação da ditongação, uma vez que boa parte delas contempla a variação lexical ou outros fatos fonéticos, como a realização do /S/ em coda silábica.

Descartaram-se as ocorrências em que o núcleo silábico era ocupado pela vogal alta anterior [i] (como no registro de '[iS]trelacadente'), por se considerar que apenas a impressão auditiva, utilizada para o registro das variantes nos atlas, não é suficiente para distinguir, com a clareza necessária, a ditongação da vogal, pela inserção de glide de natureza articulatória semelhante, e o seu simples alongamento.

No que concerne aos resultados, afirma-se que não houve necessidade do uso de ferramentas estatísticas específicas, por não ser objetivo desse estudo uma análise aprofundada das condições de ocorrência do fenômeno. Serão apresentados, ao longo dos comentários, quadros e representações cartográficas que se prestam a demonstrar, com maior clareza, a documentação das variantes ditongadas nos atlas.

Por se tratar de uma descrição pautada em uma perspectiva dialetológica, serão priorizadas as considerações de cunho diatópico, observando-se, ainda, certos aspectos fonológicos⁷: a qualidade da vogal ditongada, a posição da sílaba no vocábulo fonológico e a tonicidade da mesma.

Em busca das realizações ditongadas: revelando os dados

Inicia-se a exposição por aquilo que considera o APFB, no qual as sílabas travadas por /S/ estão registradas em 11 das suas 155 cartas, tal como se expõe no quadro 5.

7 Note-se que as interpretações fonológicas aqui presentes abordam as ocorrências segundo a compreensão de vocábulo fonológico, considerando-se o acento como aspecto distintivo e delimitativo (cf. CÂMARA JR., 2011). Assim, uma ocorrência como 'as visita', compreende o clítico 'as' como inicial pretônica do vocábulo fonológico {[azvi'zite]}.

Quadro 5: Sílabas fechadas por /S/ no APFB (ROSSI *et al*, 1963)

CARTA	ITEM	SÍLABAS TRAVADAS POR /S/
Carta 07	Primeiras (também últimas) horas do dia	as matinas
Carta 16	Onda de rio	mare tas / ondas / malet as
Carta 50	Cinza quente	rescaldo
Carta 65	Óculos	ócu los
		pincen êz
Carta 74	Costura	custura
Carta 87	Menstruação	os tempo
		as visita / asc urrunsão
		dem ês
Carta 101	Madrasta	pad ra sta
Carta 108	Prostituta	pro stituta
		pru stituta
		pro te stuta
		pu ta stuta

Dos 13 diferentes contextos silábicos suscetíveis à ditongação,⁷ deles apresentam-na⁸:

- (1) Vogal central baixa em posição pretônica inicial ([ajzma¹ʃinɐjs], uma ocorrência);
- (2) Vogal central baixa em posição postônica final ([ajzma¹ʃinɐjs], uma ocorrência);
- (3) Vogal anterior média-baixa oral em posição pretônica inicial ([xɛjs¹kawdu]/ ([xɛj¹kawdu], duas ocorrências para cada realização do /S/);
- (4) Vogal anterior média-alta oral em posição tônica final ([p̃isi¹nejs]/ [p̃isi¹nejʃ], uma ocorrência para cada realização do /S/);
- (5) Vogal alta posterior em posição pretônica inicial ([kuj¹turɐ], duas ocorrências);

⁸ Os dados apresentados a partir daqui estarão expostos na ordem em que registram os atlas.

(6) Vogal anterior média-altaoral em monossílabo tônico ([^lmejs], uma ocorrência);

(7) Vogal central baixa em posição tônica medial ([pa^ldrajstɐ]/ [pa^ldrajʃtɐ], duas ocorrências para cada realização do /S/).

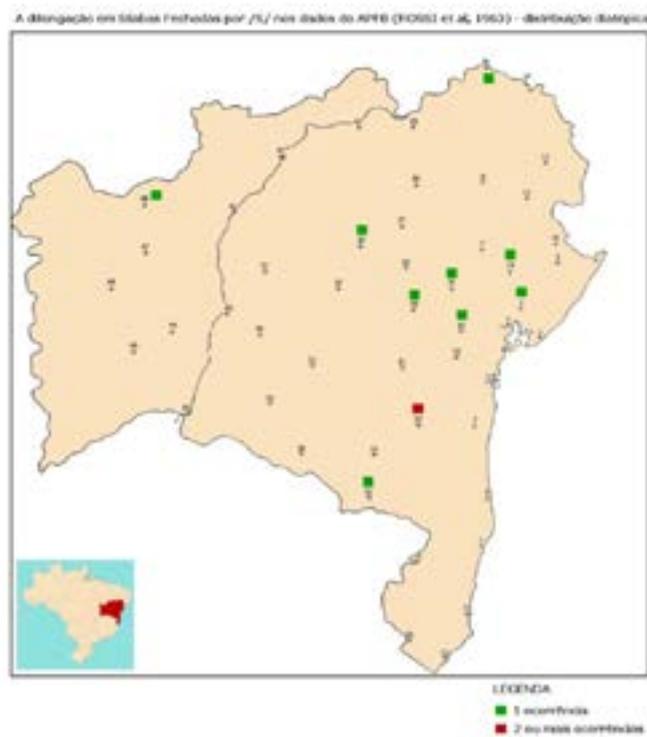
Nota-se que as ocorrências registradas não estão limitadas aos contextos tipicamente apontados como favoráveis à ditongação diante de /S/, havendo sete ocorrências em sílabas pretônicas iniciais e uma em contexto postônico final, diante das cinco ocorrências em sílabas dotadas de acento primário.

Vê-se que as vogais anteriores médias ([e] e [E]) apresentam, dentre os poucos dados, a maior frequência de ditongação, devendo-se ressaltar, contudo, que se encontram, justamente, em sílabas tônicas.

Registra-se no atlas que as variantes ditongadas, além de serem, de modo geral, pouco expressivas, numericamente, restringem-se a apenas 10 das 50 localidades contempladas, estando distribuídas por diferentes áreas do território baiano: o ponto de inquérito 03 (Rio Fundo) está localizado na região do Recôncavo; os pontos 18, 19 e 20 (Ipirá, Água Fria e Pedra Branca) compõem a Zona de Feira de Santana; as localidades 29 e 30 (Itaberaba e Morro do Chapéu) se situam na Encosta da Chapada Diamantina e na Chapada Diamantina, respectivamente; o ponto 38 (Pambu) está no Sertão do São Francisco; enquanto o 46 (Ibipetuba) está na Zona de Barreiras. (cf. MOTA, 2005).

Note-se que apresentam maior frequência na porção nordeste do Estado, como se sintetiza na figura 1.

Figura 1: A ditongação em sílabas fechadas por /S/, nos dados do APFB (ROSSI *et al*, 1963) – distribuição diatópica



Para a Paraíba, são consideradas as 10 cartas do ALPB que permitem a investigação da ditongação diante de /S/.

Quadro 6: Sílabas fechadas por /S/ no ALPB (ARAGÃO; MENEZES, 1984)

CARTA	ITEM	SÍLABAS TRAVADAS POR /S/
Carta 32	Arco-celeste	celeste
Carta 46	Os miolos	us (miolos)
		(os) miol us
Carta 48	Lábios	us (lábios)
		(os) lábi us
Carta 50	Os peitos	us peito
Carta 60	Estômago	est ômago
Carta 64	Os fígados	us/dus/nus fígu/fígado
Carta 68	Bolacha do joelho	bulachad us juelho
Carta 95	Menstruação	men struação
		mon struação

Carta 103	Bunda-canastra	bunda- can astra / can ástica / ginástica / can asca
Carta 117	Castanha	cast anha(o)

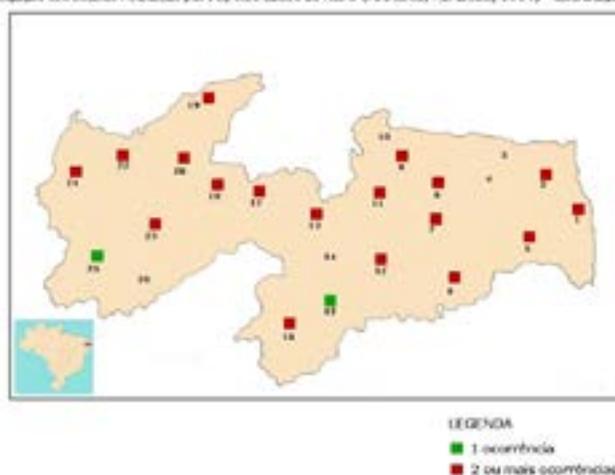
Elencam-se, nesse *corpus*, ocorrências de ditongação diante de /S/, em, somente, dois contextos fonológicos diferenciados:

- (1) Vogal posterior alta oral em posição pretônica inicial ([ujzmi'ɔlus], [uj's'pejtus], [nujz'figu] e [dujzɰ'eʎu] , 64 ocorrências);
- (2) Vogal anterior média nasal em posição pretônica inicial ([mẽjstrua'sẽw], 3 ocorrências).

Tratando-se da distribuição diatópica da ditongação, em áreas paraibanas, o fato é documentado em 20 das 25 localidades que compõem a rede de pontos do atlas, distribuindo-se ao longo do Estado. Apenas nos pontos 3 (Belém), 4 (Guarabira), 10 (Picuí), 14 (Serra Branca) e 21 (Princesa Isabel), não se encontram variantes com ditongo.

Figura 2: A ditongação em sílabas fechadas por /S/, nos dados do ALPB (ARAGÃO; MENEZES, 1984) – distribuição diatópica

A ditongação em Sílabas Fechadas por /S/ nos dados do ALPB (ARAGÃO; MENEZES, 1984) - distribuição diatópica



Deve-se salientar que os dados do atlas não são suficientes para a compreensão plena da situação, uma vez que se restringem a

contextos linguísticos muito específicos, carecendo de uma investigação mais apurada.

No caso de Sergipe, agregando-se as cartas do ALS e do ALS II, somam-se 23 cartas que tornam possível o estudo da ditongação em sílaba travada por /S/.

Quadro 7: Sílabas fechadas por /S/ no ALS (FERREIRA *et al*, 1987)

CARTA	ITEM	SÍLABAS TRAVADAS POR /S/
Carta 04	Arco-íris (outras designações para)	arco-ce leste
Carta 33	Parte terminal da inflorescência da bananeira	fil hos
Carta 42	Outros tipos de abóbora	de pescoço
Carta 50	Cinza ainda quente	rescaldo
Carta 64	Tornozelo	junt as
Carta 65	Calcanhar	calcan hás
Carta 66	Óculos	óclus, ócrus, ócus
		óculos, óquigos
		pincen êz
Carta 77	Cicatriz	custura
		custurinha
Carta 92	Menstruação	menstruação
		menstru
		ostempo
Carta 93	Enjoo (como sintoma de gravidez)	into jus
Carta 94	Aborto	ab osto
Carta 103	Gânglios linfáticos que aparecem no pescoço	lan dras, grandas
Carta 108	Madrasta	mad ra sta, pad ra sta
Carta 110	Prostituta	prostituta
		pro testuta
Carta 113	Cambalhota	maria-can asta
Carta 142	Onde se põe o gado a pastar	pasto
		pa stinho

Quadro 8: Sílabas fechadas por /S/ no ALS II (CARDOSO, 2005)

CARTA	ITEM	SÍLABAS TRAVADAS POR /S/
Carta 32	Pus	pus
Carta 51	Malfeita, malcozida, sem gosto (comida)	disgostosa
Carta 67	Vendedor ambulante	mascate
Carta 72	Corte de cabelo de homem	busca-ré
Carta 76	Padrasto	madrasto/ padrasto
Carta 87	Quaresma	quaresma/coresma

Observa-se, a partir dos dados coletados para o Estado de Sergipe, que, dentre os 15 distintos contextos encontrados, apenas em 4 deles se verifica a ditongação:

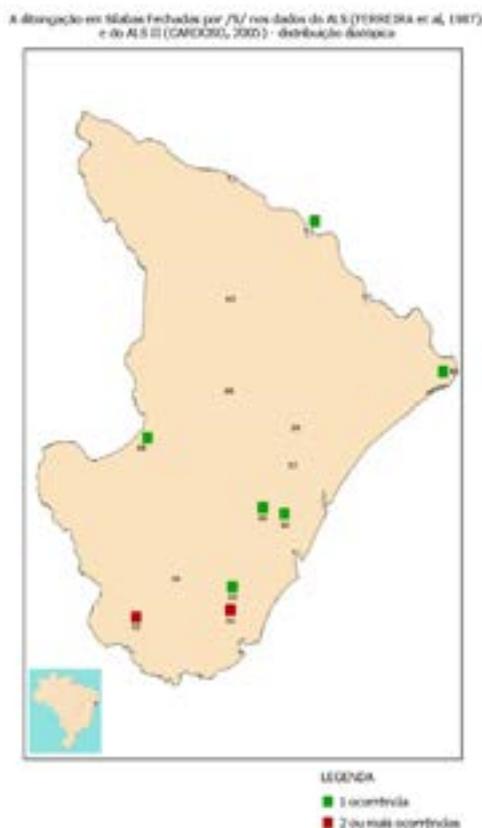
- (1) Vogal anterior média-altaoral em posição tônica final— ([p̃isi'nejs] / [p̃isi'nejh], uma ocorrência para cada realização do /S/);
- (2) Vogal anterior média-alta nasalem posição pretônica inicial ([mẽjʃ'tru], duas ocorrências);
- (3) Vogal anterior média-alta em posição pretônica medial ([prɔtejʃ'tutɐ], uma ocorrência);
- (4) Vogal posterior alta oral em monossílabo tônico ([ˈpujs], treze ocorrências).

É possível afirmar, a partir dos dados, que a ditongação diante de /S/ é verificada de modo bastante restrito, sendo predominante nos contextos tônicos. No que se refere à vogal de base, observa-se a prevalência da anterior média-alta [e], na maior parte dos contextos citados.

Tratando-se da distribuição diatópica do fato, percebe-se a persistência das variantes ditongadas em regiões mais específicas do território sergipano, a exemplo dos pontos 51 e 52 (Santa Luzia e Tomar do Geru, situados na zona do oeste de Sergipe), estando apenas a ditongação em contexto de monossílabo tônico ([ˈpujs]), disseminada ao longo do Estado, sendo registrada em 8 pontos da rede: 51, 52,

53(Estância), 55 (São Cristóvão), 56(Itaporanga D’Ajuda), 58 (Simão Dias), 61 (Brejo Grande) e 64 (Gararu). Deve-se, inclusive, enfatizar o fato de serem essas áreas mais próximas ao território baiano, onde o fenômeno percorre localidades distanciadas e persiste em mais contextos. Uma síntese dessas questões está ilustrada no cartograma a seguir.

Figura 3: A ditongação em sílabas fechadas por /S/, nos dados do ALS (FERREIRA *et al*, 1987) e do ALS II (CARDOSO, 2005) – distribuição diatópica



Diante das particularidades adotadas na cartografia dos dados do ALECE, optou-se por agregar todas as cartas, de cada conjunto, referentes a um dado item, destacando-se as ocorrências de sílabas travadas por /S/, elencadas a seguir.

Quadro 9: Sílabas fechadas por /S/ no ALECE (BESSA, 2010)

CARTA	ITEM	SÍLABAS TRAVADAS POR /S/
Cartas 033, 006, 011	Ventania	temp est ade
Carta 023	Neblina	chu vas finas
Cartas 027, 028	Temporal	temp est ade
Cartas 032, 034	Temporal	chu vas
Carta 069	Redemoinho	faz pião na água
Carta 079	Orvalho	seren us
Carta 082	Orvalho	bolhas
Cartas 088, 089, 090,093, 095	Arco-íris	arco-cele ste
Carta 099, 100	Arco-íris	as nuvi, as torre, as (ba- gas)
		(as) bag as
		rai us , nivuei rus
Cartas 135, 136, 139, 140, 143	Avós	avós/ zavós
		bisav ós
		av orus
Carta 171	Olhos	olhus
Cartas 179, 183, 184	Ouvido	ouvi us
Carta 187, 191	Orelha	orel has
Carta 199	Cotovelo	cotove lus
Cartas 223, 224	Estômago	est ômago, est ômugu, estambu, estombru
		int est ino
Cartas 230, 231,233, 237, 238, 240	Nádegas	nádeg as / nágin as / na- gas/ nazinhas
Carta 230	Nádegas	quart us
Carta 233	Nádegas	us quarto

Dentre os contextos apresentados, os ditongos diante de /S/, no ALECE, limitam-se às sílabas tônicas, conforme se observa a seguir:

- (1) Vogal central baixa em monossílabo tônico ([¹fajs], uma ocorrência);
- (2) Vogal posterior média-baixa em sílaba tônica final ([a¹vɔjs], 17 ocorrências).

No que tange à distribuição espacial das variantes ditongadas

no espaço cearense, evidencia-se o fato de se deterem a 15 localidades das 70 que compõem a rede de pontos do atlas, ocupando as mesmas porções mais extremas do Estado. São elas: Carnaubal (7), Guaramiranga (9), Capistrano (12), Redenção (17), Beberibe (24), Brejo Santo (26), Santana do Cariri (36), Nova Russas (38), Quixeramobim (44), Russas (49), Tabuleiro do Norte (51), Campos Sales (56), Assaré (57), Acaraú (64) e Icó (69).

Figura 4: A ditongação em sílabas fechadas por /S/, nos dados do ALECE (BESSA, 2010) – distribuição diatópica



Considerações finais

Buscou-se verificar, com base nos atlas linguísticos publicados, referentes à área do Nordeste brasileiro, registros da ditongação diante de /S/, demonstrando-se de que modo se distribui o fato, nos Estados recobertos (Bahia, Paraíba, Sergipe e Ceará). Procurou-se, além disso, exibir os contextos linguísticos em que ocorrem as variantes com ditongo.

Deve-se enfatizar que tais atlas, embora apresentem um número razoável de ocorrências de sílabas fechadas por /S/, expõem poucos dados referentes ao fenômeno em causa. Compreende-se, todavia, que o labor geolinguístico é concebido intentando capturar, de modo geral, as particularidades linguísticas de dada região, sem haver, necessariamente, a preocupação com um fato específico.

Salienta-se que os atlas que aqui foram tomados como corpora permitem o estudo de fatos fonéticos a partir de cartas, eminentemente, lexicais, o que, por vezes, não possibilita um tratamento adequado ou pormenorizado daquilo que se investiga. Alerta-se para o fato de que, dadas as suas divergências metodológicas, tornam-se difíceis e imprecisas quaisquer comparações e sínteses dos dados apresentados.

Atendo-se às particularidades de cada atlas, notou-se que, na Bahia, a ditongação diante de /S/ está registrada em contextos linguísticos variados, não se restringindo às sílabas acentuadas, aos monossílabos tônicos, como ocorre em Sergipe e no Ceará, ou aos casos de determinantes emitidos como sílabas iniciais pretônicas, vinculadas a processos de ressilabação, conforme se verifica na Paraíba.

A investigação nos atlas do Nordeste apresenta pistas interessantes para o estudo do fenômeno, como, por exemplo, demonstra a situação da disseminação geográfica nas áreas da Bahia e de Sergipe, parecendo haver uma continuidade entre o que se registra naquele Estado e o que se nota na área limítrofe desse outro. Esses indícios e os novos questionamentos lançados a partir do que se verifica nos atlas são de grande valia para investigações mais amplas do fato.

Destaca-se, assim, a importância de tais averiguações, devendo as mesmas prezarem pela observação da realidade nacional, como um todo, a partir de um *corpus* sistematicamente recolhido, evidenciando condicionamentos estruturais e circunstâncias externas. Somente a partir de tal construção será possível evidenciar a real dimensão do fato, permitindo, desse modo, não somente um maior conhecimento da realidade sincrônica da língua nacional, mas também possibilitando que se ilumine o seu passado e o seu processo de constituição.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ARAGÃO, Maria do Socorro; MENEZES, Cleuza. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984.
- BESSA, José Rogério Fontenele. **Atlas Linguístico do Ceará**. V. I – Introdução, Vol. II – Cartogramas. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- CÂMARA JR, Joaquim Matoso. A rima na poesia brasileira. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p.85-116.
- _____. **Dicionário de Linguística e Gramática**: referente à Língua Portuguesa. 27.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 43.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Salvador: EDUFBA, 2005.
- _____. A dialectologia no Brasil: perspectivas. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v.15, n.especial, p.233-255, 1999.
- COSERIU, Eugênio. La Geografía Lingüística. **Cuadernos del Instituto Lingüístico Latino-Americano**, Montevideo, 1965.
- ELIA, Sílvio. Unidade e diversidade fonética do português do Brasil. In: _____ **Ensaio de Filologia**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1963. p.233-301.
- FERREIRA, Carlota *et al.* **Atlas Linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- _____; CARDOSO, Suzana. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- KOCH, Walter; Klassmann, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002. v. 1 e v. 2.
- MARROQUIM, Mario. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. 2. ed. São Paulo, SP: Nacional, 1945.
- MOTA, Jacyra Andrade. A Dialectologia na Bahia. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A Geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Editora UEL, 2005. p.13-44.
- _____; CARDOSO, Suzana Alice. Sobre a Dialectologia no Brasil: Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, J.A.; CARDOSO, S. A. (Org.). **Documentos 2**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.
- NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- OLIVEIRA, Dercir. Pedro de (Org.). **ALMS - Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- OLIVEIRA, Klebson. O verso e o reverso: redução de ditongos e ditongação em textos escritos por negros no Brasil Oitocentista. **Signum**: Estudos da Linguagem. Londrina, v.11, n.2, p.155-175, dez. 2008.
- RAZKY, Abdelhak. **Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA 1.1)**. Belém: 2004. CD-ROM.
- RIBEIRO, José ; ZÁGARI, Mário Roberto; L.; PASSINI, José; GAIO, Antônio Pereira. **Esboço de um Atlas Lingístico de Minas Gerais**. vol. 1. Rio de Janeiro: Fundação

Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROSSI, Nelson *et al.* **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1963.

_____. A Dialectologia. **ALFA**, Marília, n.11, p.89-116, 1967.

SILVA NETO, Serafim da. **História da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1979.

SILVA, Thaís Cristófar. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

VASCONCELOS, José Leite de. **Esquisse d'une dialectologie portugaise**. 2.ed. Centro de Estudos Filológicos: Lisboa, 1970.

Recebido em 29 de março de 2012.

Aceito em 19 de março de 2013.